

**Universidade de Brasília
CET - Centro de Excelência em Turismo**

Pós-graduação Lato Sensu

**Curso de Especialização de Professores e Pesquisadores em
Turismo e Hospitalidade**

“SENHORES TURISTAS, EU GOSTARIA DE FRISAR...”

- BRASÍLIA NAS LENTES DE NICOLAS BEHR E TT CATALÃO

MARIA CELESTE LIMA VIEIRA

Brasília-DF
Fevereiro/2006

**Universidade de Brasília
CET - Centro de Excelência em Turismo**

Pós-graduação Lato Sensu

**Curso de Especialização de Professores e Pesquisadores em
Turismo e Hospitalidade**

“SENHORES TURISTAS, EU GOSTARIA DE FRISAR...”

- BRASÍLIA NAS LENTES DE NICOLAS BEHR E TT CATALÃO

MARIA CELESTE LIMA VIEIRA

Professor Coordenador

Professor Orientador

Professor Examinador

“Trabalho apresentado em cumprimento às exigências acadêmicas parciais do curso de pós-graduação lato sensu de especialização de professores e pesquisadores em turismo e hospitalidade”

Brasília~DF
Fevereiro/2006

Vieira, Maria Celeste Lima

“Senhores Turistas, eu gostaria de frisar...”

- Brasília nas lentes de Nicolas Behr e TT Catalão

Maria Celeste Lima Vieira

Monografia – Curso de Especialização de Professores
e Pesquisadores em Turismo e Hospitalidade

Brasília-DF, fevereiro de 2006.

Orientador: Dr^a Maria Thereza Negrão de Mello

1.Brasília 2.Identidade 3.Patrimônio 4.Turismo 5.Poesia e Crônica

**Aos que sabem ouvir as
entrelinhas da cidade, perceber suas
cores e sua gente; viajar por suas
dores e delícias.**

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão a Nicolas Behr e TT Catalão que sabem apontar o olhar para o desfrute da cidade de Brasília em momentos poéticos, brindando e compondo a alma da cidade-patrimônio.

Nesse caminho encontrei Thereza Negrão, professora, da UnB, fascinada pela vida das cidades, me orientou com segurança e paciência. Meu muito obrigada.

Obrigada Carlito Dutra, meu companheiro querido, pioneiro e degustador da cidade de Brasília, preenche-me de energia, com sua escuta carinhosa e serena.

A Vítor e João Mateus, meus filhos amados, adolescência inspiradora de novas possibilidades de percurso.

A minha mãe de quem recebi a provocação de refletir minha existência.

“Senhores turistas, eu gostaria de frisar mais uma vez que nesses blocos de apartamentos moram inclusive pessoas normais”.

Nicolas Behr

“A gente só vê de verdade quando pára pra enxergar”.

TT Catalão

RESUMO

O presente estudo pretende mostrar uma dimensão de Brasília, captada através da via literária, com o objetivo de facilitar o entendimento do lugar para quem a visita e a pulsante procura e encontro com sua identidade. Tudo isso é novidade em uma cidade marcada pelo planejamento e funcionalismo, mas que a cada dia vai ganhando energia e inspiração para projetar sua alma com suas histórias, tramas e representações contadas pelos “narradores da cidade”. A autora encontrou o viés literário, suporte turístico que revela uma interpretação possibilitadora de significados para quem quer visitar Brasília. A pesquisa tem caráter exploratório e como fontes a obra de dois cerratenses, o poeta Nicolas Behr e o cronista TT Catalão, criadores de diálogos com os elementos significantes do espaço urbano. Ao final do trabalho, uma proposta de pensar o repertório de Behr e Catalão como patrimônio imaterial da capital e de apropriação de fragmentos discursivos em suportes como catálogos turísticos, folders de divulgação, souvenirs e postais; celebração de Brasília e dinamização do turismo na cidade.

PALAVRAS-CHAVE

1- Brasília 2- Identidade 3- Patrimônio 4- Turismo 5- Poesia e Crônica

ABSTRACT

The present study it intends to show a dimension of Brasília caught through the literary way with the objective to facilitate the agreement of the place for who the visit and the pulsante search and meeting with its identity. Everything this is newness in a city marked for the planning and bureaucracy, but that to each day it goes gaining energy and inspiration to project its soul with its histories, counted trams and representation for the “narrators of the city”. The author found the bias literary, tourist support that discloses a possibilitadora interpretation of meanings for who wants to visit Brasilia. The research has of exploratório character. And as source the workmanships of two cerratenses, the poet Nicolas Behr and cronista TT Catalão, creators of dialogues with the significant elements of the urban space. It is had, in the third chapter, the entrecruzamento of the sources and the analyses, thus intending, an interpretation of Brasilia that gives visibility to it. To the end of the work, a proposal to think the repertoire of Behr and Catalão as incorporeal patrimony of the city of Brasilia and appropriation of discursivos fragmentos about supports as tourist catalogues, folders of spreading, souvenirs and postcards; celebration of Brasilia and dinamização of the tourism in the city.

KEY WORDS

1- Brasilia 2- Identity 3- Patrimony 4- Tourism 5- Poetry and Cronica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 - UM OLHAR SOBRE BRASÍLIA.....	14
1.1 – PATRIMÔNIO COMPARTILHADO.....	14
1.2 – A BUSCA DO LUGAR-BRASÍLIA.....	18
CAPÍTULO 2 – SUPORTES TEÓRICO – METODOLÓGICOS.....	21
CAPÍTULO 3 – É A CIDADE QUE HABITA OS NARRADORES OU ELES SÃO HABITADOS POR ELA?	26
3.1 – BRASÍLIA: UMA HISTÓRIA E MUITOS MODOS DE NARRAR	26
3.2 – PELAS MÃOS DE BEHR: UM PASSEIO COM O FLÂNEUR	28
3.2.1 – BREVE PERFIL	28
3.2.2 - DIÁLOGOS: ENTRE OS VERSOS E O TEXTO OFICIAL	29
3.3 – TT CATALÃO, “UM TECELÃO DAS PALAVRAS”	35
3.3.1 – BREVE PERFIL	35
3.3.2- NARRATIVAS QUE CONSTROEM O TEXTO DA CIDADE	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
BIBLIOGRAFIA	50

INTRODUÇÃO

O Turismo cada dia mais significa geração de emprego, ocupação e renda. É necessário estruturar, qualificar e diversificar a oferta turística para um viajante que se desloca para buscar a ruptura com o seu cotidiano.

“(...) Para nós, o turismo é um campo de práticas histórico-sociais, que pressupõem o deslocamento do(s) sujeito(s), em tempos e espaços produzidos de forma objetiva, possibilitador de afastamentos simbólicos do cotidiano, coberto de subjetividades, portanto, explicitadores de uma nova estética diante da busca do prazer”. (Moesch, 2002, apud Siqueira, 2004).

Em Brasília, o turismo oferece ao visitante um pacote que parece encerrar-se nos segmentos dos chamados Turismo Cívico, Turismo de Eventos e Turismo de Negócios. Os passeios incluem o Memorial JK, a Praça dos Três Poderes, a Esplanada dos Ministérios e o Palácio da Alvorada.

A autora da pesquisa trabalha na Praça dos Três Poderes há mais de dez anos, e tem percebido nos turistas um certo desencanto com a cidade. A imagem do lugar está associada ao cívico, e muitas vezes somente aos seus aspectos políticos como sede do poder, deixando de mostrar outras dimensões; aspectos diversos que dariam ao visitante um melhor encontro com a cidade.

Quanto tempo Brasília terá de esperar para ser reconhecida sua dimensão e personalidade?

Segundo Yáziqi(2001, p. 30) o próprio Le Corbusier, com todo seu funcionalismo, reconheceu que a alma de uma cidade depende de tudo aquilo que ela tem de fantasioso e não funcional. Não cabe ao planejador fabricar este mundo rico e expressivo, mas reconhecer sua dimensão para não destruí-lo.

Com tais motivações, o trabalho lança um olhar sobre a cidade no viés dos enfoques poéticos e jornalísticos.

As representações que a poesia de Behr e a crônica de Catalão desenharam sobre Brasília, são uma excelente possibilidade de ingressar em um universo que

possibilita partilhar os significados singulares da cidade. Seus textos são suportes discursivos de uma identidade brasiliense em construção. Articulá-los às práticas do turismo em Brasília é um convite a conhecê-la.

“(...) as definições dos melhores acadêmicos, tendo em mira metodologias, resultam insuficientes para o entendimento do lugar, tal como literatos, poetas, pintores têm sido únicos a perceber. Eles chegam a sutilezas próprias da alma, da essência das coisas que passam despercebidas nos textos acadêmicos.” (Yáziği. Op cit., p. 41).

O Turismo Cultural quer se expandir. Faz-se necessário então, que os “narradores da cidade” traduzam seus sentidos para quem a visita e habita nela.

Pautada, portanto, pelo qualitativo e pela intenção de sondar tendências, auscultar sentidos sem pretensões à comprovação, tem-se como fonte principal uma coleção de poesias e crônicas selecionadas. Optou-se por não recortá-las. Apresentá-las completas deu maior visibilidade às noções que articulam pertencimento, identidade e lugar. Em uma breve revisão da literatura, percebe-se uma estante razoável sobre Brasília, porém nada que articule a cidade por esta via literária.

Como suporte empírico a investigação recortou como corpus principal um conjunto de textos selecionados das obras dos autores Nicolas Behr e TT Catalão. Como corpus auxiliar a pesquisa valeu-se de documentação oficial sobre a cidade buscada em arquivo, informações obtidas no jornal impresso diário Correio Braziliense, bem como, material disponibilizado pela internet. Foi feito também um inventário prévio de trabalhos, cujo plano de observação fosse à cidade de Brasília. Alguns destes autores, como se verá, aparecem no corpo do trabalho; mas este inventário preliminar concorreu sobretudo, para mostrar que, pelo menos com as mesmas articulações e, no viés do turismo, na estante consultada não constam estudos análogos.

A proposta é, portanto, a de uma comunicação maior entre o visitante e o patrimônio, uma sintonia com o lugar, revelações que agregarão valor à experiência do visitante, aumentando assim, a atração pela cidade-patrimônio.

Tendo então como objeto de estudo a performance de dois escritores cerratenses e recortes das respectivas obras como principal base empírica, do objetivo mais amplo configurado no rastreamento dos textos selecionados, deságua o feixe de argumentos ou hipóteses de trabalho. Tais argumentos partem da convicção de que na obra poética de Behr, bem como no texto jornalístico de Catalão aparecem marcas de uma identidade brasiliense em construção. Entendeu-se que tais marcas afloram de um encontro com a cidade, seus lugares, seu cotidiano, desafios, angústias e afetos. A ênfase sobre tais elementos, indiciando pertencimento sugeriram, ademais, a possibilidade de pensar no repertório dos escritores trabalhados como um bem cultural de natureza imaterial, ou seja, um patrimônio da cidade. Em perspectiva pragmática e articulando o objeto escolhido ao turismo, o estudo reflete também, sobre as possibilidades de maior divulgação das obras trabalhadas, cujos fragmentos poderiam ser apropriados para divulgação da cidade como de destinação turística.

Uma releitura da hipótese de trabalho e seus argumentos fornecem pistas para o quadro conceitual que a instrumentou. Ele foi buscado ao abrigo de um enfoque interdisciplinar, que articula o turismo como fenômeno sócio-cultural a outras áreas do saber, tais como a Literatura, o Jornalismo, a História Cultural e elementos da Análise do Discurso como programa de reflexão, com enfoque na retórica/ironia .

O estudo dialoga, portanto, com as noções de representação, cultura e patrimônio, identidade e dialogismo entre textos que afloram de diferentes espaços discursivos.

A monografia está estruturada em três capítulos distribuídos em subitens.

No primeiro – Um olhar sobre Brasília – a cenografia da cidade é enfocada.

O capítulo dois foi reservado para uma breve incursão sobre os suportes teórico-metodológicos da pesquisa.

O terceiro capítulo é de algum modo, o coração da pesquisa. Nele estão as representações da cidade pelas lentes de Behr e Catalão, sempre seguidas de encaminhamentos de análises, voltadas para sentidos possíveis. Tais análises são precedidas de breves biografias dos autores trabalhados.

Nas considerações finais, o estudo como um todo é retomado em seus aspectos principais de modo a contrastar os argumentos norteadores com os indícios das configurações identitárias sugeridas pelas representações dos narradores. Atribuí-las esta condição de narradores, resultou, aliás, do diálogo com Benjamin, cuja leitura sugeriu também a possibilidade de identificá-los como modernos “flâneur” aos quais bem se poderia formular a já clássica questão: “É a cidade que habita os homens ou eles são habitados por ela?”. Respostas de Behr e Catalão ou, possíveis respostas, povoam este estudo que, metaforizando, além de um exercício acadêmico, constitui uma espécie de “tour” pela cidade.

Não poderia concluir esta Introdução, sem uma referência ao título escolhido. Na verdade, coerente com o tema e o modo de construção do objeto, a idéia passava por escolhas cujo universo vocabular transitava entre “olhares”, “narradores”, “representação”, dentre outras.

O trabalho estava na etapa de finalização, mas levando-se em conta que sempre haveria espaço para possíveis inclusões, acabei tendo em mãos o belo estudo de Domingos (2005), cujo plano de observação, é a cidade de Brasília, observadas sobre as lentes do rock dos anos 80. O título é intrigante: “Muitos porteiros e pessoas normais” e, no corpo do trabalho o autor noticia tratar-se de um fragmento discursivo pinçado de uma das letras do repertório de bandas brasilienses, fonte principal do estudo.

Ora, o encontro ensejou a verificação de sintonias entre um estudo e outro, pois se aqui o viés é o literário, lá é a linguagem da música brasiliense, o foco

principal. Bem por isso, buscar na poesia de Behr inspiração para o título, ocorreu quase naturalmente.

Nas páginas que se seguem os resultados deste exercício de reflexão que, ao dar visibilidade aos olhares do poeta e do cronista, de algum modo faz coro com Behr, repetindo a mensagem: “Senhores turistas, eu gostaria de frisar...”.

CAPÍTULO 1

UM OLHAR SOBRE BRASÍLIA

1.1 – PATRIMÔNIO COMPARTILHADO

A história de Brasília nos conta que a cidade-capital é a materialização de sonhos e projetos muito antigos, onde brasileiros de várias gerações vislumbraram a possibilidade de transformar o Brasil a partir da construção de uma nova cidade.

Desde o século XVIII, a idéia de mudança da capital para o interior já empolgava.

“O homem que cavalga longamente por terrenos selváticos sente o desejo de uma cidade”. (Calvino, 2004, p. 28).

A interiorização da capital do Brasil já era uma proposta do Império brasileiro. O vazio do interior, a mineração e a vulnerabilidade às invasões estrangeiras na costa brasileira, fizeram com que a questão da mudança da capital para o interior fosse abordada com entusiasmo. José Bonifácio de Andrada e Silva, conhecido como Patriarca da Independência, alegando questões de segurança e de ocupação do espaço brasileiro, expõe publicamente o desejo da construção da capital. Em 1823, na sessão solene da Assembléia Constituinte e Legislativa do Brasil, Bonifácio menciona oficialmente a idéia de construir a cidade e já propõe nomes: Petrópolis ou Brasília.

A constituição de 1891 tem em seu artigo terceiro o seguinte texto:

Fica pertencendo à União, no Planalto Central da República, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será oportunamente demarcada para nela estabelecer-se a futura Capital Federal.

No governo de Floriano Peixoto, em 1892, é criada a Comissão Exploradora do Planalto Central sob a chefia de Luiz Cruls, astrônomo e geógrafo belga, que acompanhado de um grupo de pessoas, procedeu à

exploração do Planalto Central e demarcou a área a ser ocupada pela futura capital.

Em 1940, Getúlio Vargas lança a “Cruzada rumo ao Oeste”, porém sem mencionar intenções mudancistas.

O artigo quarto das Disposições Transitórias da Constituição de 1946 determina a transferência da capital.

O Projeto das Trinta Metas desenvolvimentista da campanha de Juscelino Kubitschek em 1955 ganhava a Trigésima Primeira: a Meta-Síntese, objetivo principal de sua campanha, a construção de Brasília.

Ousado planejamento urbanístico e arquitetônico de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer contribuiu para dá forma e expressão a nova cidade que surgia.

Brasília é consagrada em 1987, Patrimônio Cultural da Humanidade. Tombada pela UNESCO, vinte e sete anos depois da sua inauguração, fortalece a sua dimensão e convoca uma fiscalização mais intensa à preservação.

O tombamento se constitui como forma de “salvar a memória”, um direito de cidadania.

“Começou assim a se estruturar a noção de patrimônio, conjunto de bens que compõem a herança social a qual cabe às autoridades proteger; ela nasceu considerando a materialidade dos objetos, seu poder de testemunhar o passado, de fornecer informações sobre ele e de atrair a atenção.” (Rodrigues, 1998, p. 83).

Assim, a definição de Brasília como Patrimônio Cultural da Humanidade tem produzido orgulho para a cidade e incentivo ao seu turismo.

O brasiliense precisa a cada dia compreender mais esta dimensão de memória e patrimônio. Cabe ao Estado assegurar este reconhecimento.

A dinâmica do cotidiano que forma e transforma esta capital em uma verdadeira cidade, vai surgindo a cada dia nas histórias dos que foram chegando de vários brasis, dos que vão nascendo, das experiências e trocas com os diferentes sujeitos.

“Na verdade, o sonho foi menor do que a realidade. A realidade foi maior, mais bela”. (Costa, 1987, p. 8).

A nova cidade tinha de possuir os *“atributos inerentes a uma capital. E para tanto, a condição primeira é achar-se o urbanista imbuído de uma certa dignidade e nobreza de intenção(...) conferir ao conjunto projetado o desejável caráter monumental. Monumental não no sentido de ostentação, mas no sentido da expressão palpável, por assim dizer, consciente, daquilo que vale e significa”*(Relatório do Plano Piloto, 1957).

É este o cenário desta narrativa, a Brasília de mil vivências, organizadas em torno de princípios bastante diferentes, uma particularidade interessante na vivência do jogo das memórias: memórias diversas dos que a construíram e as dos nascidos aqui. Os desejos por viver em conjunto. Tudo isso reflete os modos de vida da cidade-patrimônio, um lugar que se constitui e se sustenta no encontro de muitos. Um espaço de memória.

Muito embora conhecida no que se refere à exuberância da arquitetura e arrojado projeto urbanístico, aspectos que levaram ao reconhecimento de Patrimônio da Humanidade em 87, as práticas culturais de não poucos de seus habitantes traduzem elementos de uma identidade em construção. Refere-se aqui, conforme lembrado na Introdução, a um universo explicitado em diversas linguagens, como por exemplo: a musical, a literária e nesta, o lugar do cronista e do poeta.

Também lembra-se na Introdução, que o presente estudo recorta no universo cultural brasileiro as performances do jornalista TT Catalão e do poeta Nicolas Behr. Tem-se como pressuposto a convicção de que a relação de textos destes autores da cidade revela articulações identitárias e expressões de pertencimento.

Neste entendimento, o argumento norteador da pesquisa ou, hipótese de trabalho considera que as obras de Catalão e Behr constituem um vetor de referência da cidade, cujas qualidades lhe conferem contornos de bens culturais

de natureza imaterial e, neste sentido poderiam se inscrever como patrimônio imaterial brasileiro.

Evidentemente, não se tem aqui a pretensão de fazer da monografia um dossiê para avaliação e registro junto ao conselho consultivo do patrimônio cultural e inscrição no livro de registro nas instâncias competentes, tais sejam o IPHAN e o MInC. Trata-se, entretanto, de pensar nas possibilidades de um estudo acadêmico como subsídio para um futuro reconhecimento levando-se em conta a plausibilidade da proposta.

Afinal, o decreto número 3.551 de 04/08/2000 (Revista do Patrimônio Imaterial, 2000), retém no seu artigo III: “Livro de registro das formas de expressão onde são inscritas manifestações literárias, musicais plásticas, cênicas e lúdicas”. (grifos da autora).

São muitos os narradores da cidade, são lentes de muitas cores e tamanhos. Sempre haverá uma face da cidade a revelar. Assim, a personalidade do lugar se revigora.

“Resta-nos, aí, o desafio: reescrever os espaços, Reconstruir as narrativas, sendo, ao mesmo tempo, parte do emaranhado que entretece as histórias.”(Resende, 1998, p.145).

A questão que sempre se poderá propor face ao argumento de que os respectivos repertórios de Behr e Catalão apontam para a possibilidade de pensá-los como patrimônio da cidade, sugere algumas observações sobre o seu embasamento. Na perspectiva da autora, a leitura e releitura dos autores selecionados faz aflorar metáforas e imagens da cidade, seu estilo de vida e seu cotidiano. Assim, em ambos, as insistentes referências à cidade podem ser comparadas a conjuntos de cartões-postais.

Por outro lado, a sintonia com os muitos lugares por eles celebrados, os coloca, como se verá, em outra parte deste estudo, na posição de “narradores

benjaminianos”. Mais uma vez aqui, fragmentos discursivos de Behr incorporados ao título desta monografia, transbordam sentidos. Conhecedor da cidade, “flâneur”- poeta, coloca em seus versos a inquietação de muitos cidadãos brasilienses diante das representações do “outro”, com frequência, atravessadas por estereótipos e chavões. Não por acaso, numa espécie de “cante lá que eu canto cá”, o roqueiro faz da música um suporte discursivo, que não deixa de ser também, um lugar de inquietação e um alerta ao “outro”. Ambos referem-se a uma cidade habitada por cidadãos, “pessoas normais”. Como se verá, esta sintonia identitária com a cidade, aparece também no discurso de TT Catalão: “Fazemos a cidade com a cara que tivermos”. Neste sentido tem-se aqui também outro “flâneur”, cuja intimidade com o lugar e reconhecimento de suas qualidades e defeitos não obscurecem o forte traço de pertença e afeto.

1.2 - A BUSCA DO LUGAR-BRASÍLIA

Brasília é um cenário privilegiado. Sua história de características peculiares e assento do governo faz com que brasileiros de todos os cantos se perguntem como é esta cidade, como vivem seus habitantes? O que acontece nos Palácios e no Congresso é fácil saber através da mídia, porém, outras indagações e curiosidades, é na viagem ao lugar que poderão ser traduzidas.

“De uma cidade, não aproveitamos suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas.”(Calvino. Op. cit., p.44).

A vida pulsa na capital do país, o tempo fez dela cidade viva que acolhe e que abriga os cidadãos de todos os cantos. E é nessa mistura, nos encontros e confrontos das diferenças que Brasília toma o sentido de Lugar; constrói sua história, é um centro de significados. Possui seus signos e símbolos. Seus habitantes já construíram um olhar de pertencimento. A cidade já pode oferecer-

se a interpretação do viajante; revitalizar nosso turismo. Brasília interagindo com o visitante, poderá apresentar sua específica originalidade.

“São múltiplos e distintos os olhares e significados de uma cidade para os habitantes e para os que a imaginam.”(Machado, 1999, p. 49).

As particularidades deste Lugar-Brasília vão a cada dia assumindo a possibilidade de matéria-prima inteligível para o viajante em busca dos traços da vida na cidade e dos seus significados.

“A cidade convida os indivíduos à introspecção e a interiorização: Quem vem para Brasília e logo se adapta é porque tem um espaço interior muito rico, que no Planalto se expande ainda mais. Quem gira em torno de um centro de gravidade situado nas coisas e objetos exteriores dificilmente sobrevive”(Machado. Op. cit., p. 57).

Essas construções identitárias são essenciais para o turismo; e em Brasília o espaço do cotidiano cheio de significados, possibilita um roteiro em busca do entendimento de um lugar de história, cultura e emoções: O LUGAR-BRASÍLIA.

Para o turismo é imprescindível compreender a cidade como lugar, perceber sua alma.

“O que está na berlinda é a alma do lugar ou a personalidade”. (Yázigi. Op. cit., p.28).

É isso que vai diferenciar uma oferta turística, a interpretação significativa da cidade que enriquece a experiência de quem a visita.

“A alma de Brasília sabe que não tem par no mundo e talvez por isso ela se acautele diante da tentação das grandes exposições. Nascida sob o fogo da

utopia, dançou nos redemoinhos do início da cidade, se fingiu de poeira, amou os amores dos operários, se divertiu nas boates de madeira da cidade livre, crente que, dali pra frente, tudo iria ser diferente. E a alma de Brasília seria a alma do novo mundo, emblemática, irrefutável”.(Freitas, 2003.)

O próximo capítulo é dedicado aos principais aspectos teórico-metodológicos que conferiram suporte à construção do objeto.

CAPITULO 2

SUPORTES TEÓRICO – METODOLÓGICOS

A pesquisa de caráter exploratório tem como plano de observação a cidade de Brasília e como objeto, a performance identitária que transparece nos textos de Behr e Catalão. Tem-se como objetivo principal lançar um olhar sobre as obras destes autores, articulando-as com o passeio turístico de modo a ressaltar aspectos configuradores de pertencimento e sintonia com a cidade.

Conforme lembrado anteriormente, tem-se como argumento norteador, o entendimento de que as obras de Behr e Catalão, pontuadas de referências e representações sobre a cidade de Brasília, configuram-se como vetores identitários. Neste sentido, há nestes repertórios, suportes que permitem pensar em Behr e Catalão como modernos “flâneurs”, cujo talento para narrar a cidade confere aos seus escritos características de patrimônio cultural imaterial de Brasília.

Desdobra-se de tais argumentos, a idéia de que de diferentes suportes discursivos, tais sejam, a poesia e a crônica jornalística, os dois narradores aqui e acolá dialogam, ou mesmo constroem enfoques parafrásticos.

Segundo os interesses da investigação, o universo empírico constituído sobre a obra dos autores trabalhados foi construído a partir das seguintes etapas:

- 1- Levantamento das obras de Nicolas Behr e TT Catalão;
- 2- Triagem para recorte;
- 3- A partir desse procedimento foram selecionados para a monografia 15 poesias de Behr e 06 crônicas de Catalão.

Uma leitura atenta dos argumentos fornece pistas para o quadro conceitual que instrumenta a proposta.

A categoria cidade destaca-se como um fenômeno sócio-histórico e cultural. A pesquisa aborda a questão da cidade nesta perspectiva a partir de um diálogo com vários autores.

Segundo Lídia Avelar (1998, p. 70) uma cidade não é feita de pedras, mas de seres humanos, não é a dimensão de uma função, é a dimensão da existência que só se constrói com arte.

Neste contexto, se faz necessário olhar a cidade em vários de seus aspectos. O olhar múltiplo e variado sem a pretensão de contemplar o “todo”.

“A cidade se forma a cada instante e a cada olhar, uma nova cidade, por isso, o método não pode ser totalizante.”(Conceição, 2005).

“(...) as cidades como os sonhos, são construídas por desejos e medos”.
(Calvino. Op. cit., p. 44).

O modo de construção do objeto remete também, à complexa noção de representação, pois entende-se que os textos de Behr e Catalão são espaços discursivos dos quais afloram representações sobre a cidade de Brasília.

Conceito interdisciplinar e multifacetado, a teoria das representações sociais foi apropriada por diversas áreas do saber. Não seria o caso de retomar esta variada gama de reflexões. Para os propósitos deste estudo, trata-se não mais que entender as articulações entre os registros do real, do simbólico e do imaginário como suportes das representações. A pesquisa busca através desse entendimento, rastrear representações sobre a cidade, através da memória poética-literária desses autores.

No viés da história como área do saber, autores como Chartier (1998), destacam a importância da noção de representação, especialmente para os que se filiam à chamada História Cultural.

Entendendo que o presente estudo tem como um dos eixos um modo de ver a cidade, a sintonia com Chartier se evidencia ao pensar no rastreamento “das formas e dos motivos,” dos discursos dos autores trabalhados que descrevem a cidade “tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse”. (Chartier. Op. cit., p.19).

“Como é realmente a cidade sob esse carregado invólucro de símbolos, o que contém e o que esconde, ao se sair de Tâmara é impossível saber”.(Calvino. *Op cit., p. 18*).

Ainda nesta breve incursão sobre as representações, cabem aqui alguns diálogos de autores filiados a Henri Lefebvre, pensador que se dedicou ao estudo da encenação cotidiana e das representações que constroem os atores sociais que a animam. Seabra (1966, p. 71-86), na esteira das idéias de Lefebvre, articula o representacional ao cotidiano. Assim, têm-se ali pistas interessantes que clareiam a percepção do objeto selecionado para esta monografia. Afinal, se as representações se constroem entre o “vivido e o concebido” pode-se entender que “o cotidiano é ao mesmo tempo abstrato e concreto; institui-se e constitui-se a partir do vivido” (idem, p.76-77).

Pensa-se aqui na experiência cotidiana dos dois narradores selecionados, cuja obra traduz justamente as articulações entre o vivido e o concebido; vivido transfigurado pelo talento dos “flâneurs”.

Parece interessante lembrar ainda estes modos de apropriação da cidade e seus lugares. Não se trata em nenhum dos dois casos de apropriações que resultam da observação técnica, lógica ou racional. Trata-se antes, de um modo de ver que inclui “o afetivo, o imaginário, o sonho, o corpo, o prazer...”(idem, p. 73).

O passeio pelas mãos de Behr e Catalão sugere ao leitor sensível, tais aspectos. Em outras palavras, fala-se aqui também em pertencimento e identidade.

Pensar em identidade é um convite ao diálogo, por exemplo, com Hall (1997), cuja reflexão sublinha o caráter movente da identidade: *“Assim seja no âmbito nacional ou no âmbito local, vale enfatizar que as identidades integram um processo de identificação que articula temporalidades, e longe da fixidez, se constrói historicamente e é um espaço de **celebração móvel**”.*

Neste processo, o sujeito assume uma identidade não-permanente, transformando-se continuamente nos diferentes momentos, em múltiplas representações e em uma constante construção de significados.

Ao sugerir que o repertório de Catalão e Behr pode ser pensado como patrimônio imaterial da cidade de Brasília, cabe reter sua importância como suporte de uma identidade brasiliense que se constrói.

Segundo Londres (2001, p. 191), falar em patrimônio histórico e artístico significa pensar em bens, cujo significado particular é algo indissociável da identidade do lugar de onde afluam.

Neste entendimento vale a pena enfatizar o valor de tais bens tão importantes quanto o conjunto de monumentos e edificações.

Pluralizar o significado de patrimônio e entendê-lo como um processo em permanente construção é dar a diferentes agentes sociais a possibilidade de contribuir com suas múltiplas histórias e narrativas literárias, a uma revalorização do saber, permitindo assimilar as falas e práticas dos sujeitos como matérias-primas nas cidades.

O presente estudo não perde de vista a qualidade dos autores que celebram a identidade brasiliense, daí falar-se em patrimônio.

Ao articular tal reconhecimento a tônica do curso, que oportuniza a apresentação desta monografia, para ressaltar o potencial das obras de Nicolas Behr e TT Catalão no sentido de promover e difundir as representações que constroem sobre Brasília de modo à alavancar a dinamização do Turismo na cidade.

“Feliz é aquele que todos os dias tem Filide ao alcance dos olhos e nunca acaba de ver as coisas que ela contém”. (Calvino. Op. cit., p. 85).

Outro eixo da reflexão teórica que dialoga com o objeto e o suporte empírico recortado é sem dúvida a já clássica distinção de Certeau (1994), entre espaços e lugares. Para o historiador francês, pensar em lugar, enquanto tal,

implica reter perspectiva de estabilidade e ordem que a animação do espaço não inclui. Pois, diversamente do lugar, o espaço não tem univocidade e estabilidade. Para o pensador francês, pode-se pensar no espaço como “um lugar praticado” (idem, p. 202).

A partir de tal entendimento, no repertório de Behr e Catalão, os muitos sítios por eles visitados ganham contornos de “lugares praticados”.

Sobre estes “lugares praticados”, concretamente, pensa-se aqui na apropriação de fragmentos discursivos pinçados dos textos dos dois narradores para utilização em suportes como catálogos turísticos, folders de divulgação, souvenirs e postais.

Trabalhando com dois suportes discursivos, a poesia e a crônica jornalística, cabem também aqui, algumas breves notícias baseadas nas leituras preliminares à investigação. Ramos(1997, p. 55), referindo-se à noção de poesia diz: “ela é uma das mais primitivas e universais formas de comunicação a que o homem recorre na tentativa de partilhar melhor o conhecimento, as emoções e a apreensão que faz da realidade.”

Muito embora seja isto e muito mais, selecionou-se aqui o entendimento que mais obviamente articula-se à já referida noção de representação.

Quanto à crônica jornalística, o diálogo com Mello(1987), evidencia tratar-se, assim como as colunas políticas e outros espaços da imprensa escrita diária, de um gênero opinativo.

Como se verá em outra parte deste estudo, os dois narradores valem-se, com frequência, da ironia como equipamento retórico. A já citada Ramos reflete sobre a ironia, enquanto figura de expressão carregada de ambigüidades, dissimulação e interrogação(Ramos. Op. cit., p. 22-35).

Realizado este breve sobrevôo, nas próximas páginas, a lida com o repertório dos “narradores da cidade” é partilhada com os receptores de modo a evidenciar a pertinência dos argumentos deste estudo.

CAPÍTULO - 3

É A CIDADE QUE HABITA OS NARRADORES OU ELES SÃO HABITADOS POR ELA?

3.1- BRASÍLIA: UMA HISTÓRIA E MUITOS MODOS DE NARRAR

Muito embora não se cobre de um exercício monográfico o atributo da originalidade, o fato de ter Brasília como plano de observação sugeriu a iniciativa preliminar da elaboração de um inventário que, mesmo não sendo exaustivo, desse conta dos trabalhos que têm como foco a jovem capital da República. Entre as consultas aos arquivos e bibliotecas, e mesmo fontes eletrônicas, o pesquisador se depara com um volume razoável de estudos acadêmicos e textos literários nos quais de um sem números de ângulos, a cidade é esquadrihada. Mesmo assim, nesta espécie de incursão neste recorte do “estado da arte”, o levantamento não mostrou trabalhos que guardassem semelhanças com os entrecruzamentos aqui propostos, valendo-se do mesmo suporte empírico.

De todo modo, aliás, como ocorreu em páginas anteriores, alguns enfoques que privilegiam Brasília fornecem subsídios para o presente estudo, sobretudo os que têm como referenciais a cultura, o cotidiano e dimensões identitárias.(1)

Com estas anotações iniciais teve-se a intenção de lembrar que o presente estudo desobrigou-se de retomar a história da cidade nova, muito embora, tenham sido lidos autores que a ela se dedicam.

Na verdade, permite-se entender que o talento de Behr e Catalão é atributo que lhes permite narrar a história da cidade, articulando temporalidades e apropriando-se dos “lugares praticados”, retomando ambiências e sobretudo mostrando-se solidários.

(1) refere-se aqui ao já citado estudo de Domingos(Op. cit.) e também por exemplo, a tese de doutorado de Costa(2000). Além da já citada Negrão de Mello(1987).

Seus textos, como se verá no próximo item, transitando entre o “vívido e o concebido” não deixam de contar uma história de Brasília.

Assim, a pesquisa aposta no poeta e no cronista para dialogar com a cidade, criar relações com ela, inspirar outros roteiros; diversas possibilidades de percurso que permita melhor entendê-la.

“Compreendi que deveria me libertar das imagens que até ali haviam anunciado as coisas que procurava: só então seria capaz de entender a linguagem de Ipásia”. (Calvino. Op. cit., p. 48).

Sempre lembrado, quando o que se tematiza é a cidade, o filósofo e historiador Walter Benjamin, suas idéias e a hoje emblemática figura do “flâneur” são suportes aos argumentos que norteiam esta monografia. Por ocasião dos 50 anos de sua morte, a Revista U.S.P. (1992) publicou o Dossiê Walter Benjamin, resultado de Simpósio, durante o qual, vários acadêmicos brasileiros e alemães refletiram sobre a obra benjaminiana a partir de um conjunto das sete questões que lhes foram formuladas.

A Sérgio Paulo Rouanet e Nelson Brissac Peixoto coube a pergunta: “É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela?” Na esteira do Trabalho das Passagens, clássica obra de Benjamin, os dois intelectuais brasileiros encaminharam com sensibilidade e conhecimento, um texto cuja leitura foi fundamental para este estudo, pois a imagem do “flâneur” na Paris, “capital do século XIX” e sua intimidade com os tantos lugares pelos quais circula, sugeriu, neste aspecto, a comparação com Behr e Catalão, como “flâneurs” brasilienses.

Enfim, isto se evidencia no texto de ambos, também eles articulam de modo indissociável a realidade objetiva e a onírica e conferem senhas ao entendimento de que não apenas habitam a cidade, mas, como o “flâneur”, são habitados por ela. Se ajustadas ao cenário e tema desta monografia, as reflexões

de Rouanet parecem pertinentes e a leitura atenta de Brissac enseja também ressonâncias e comparações.

3.2- PELAS MÃOS DE BEHR: UM PASSEIO COM O FLÂNEUR

“Poetas formam cidades? Cidades formam poetas?(...) Bichos analógicos, bolinadores de paisagens.”(Bertran, p.09, In:Behr, 2002).

3.2.1- BREVE PERFIL

Nicolas Behr é um cuiabano nascido em 1958 e chegado a Brasília em 1974. Desde 1977 aparece na cena brasiliense lançando seu primeiro livrinho mimeografado “Iogurte com farinha”. Vendeu muito. Assumindo de uma vez a cidade, Nicolas continuou escrevendo: “Grande Circular”, “Caroço de Goiaba”, “Chá com Porrada”, “Porque Construí Braxília”, “Poesília”, “Braxília Revisitada”, “Dezesseis Pó(rr)etas, Poesia pau-brasil e Vinte Pó(rr)etas: A poesia unida.”(2)

Os textos que se seguem traduzem a identificação do poeta com a cidade que habita. Em sua leitura poética vai buscar a alma da cidade, nos instiga a construir, a inventar e compreender esta alma.

Segundo o poeta, sua interpretação sugere a utopia dentro da utopia; criar Brasília além da capital, além do poder. Sua poesia convida a um passeio não meramente geográfico e político, mas aos seus significados simbólicos, aquilo que nos aproxima como brasilienses, como brasileiros. (3)

(2) Deste conjunto, nem todas as obras foram apresentadas sob a forma de livros editados. Em alguns casos, elas se compõem de textos mimeografados, quase artesanais hoje, inclusive, disputados pelos leitores que as possuem em suas bibliotecas particulares, como é o caso desta pesquisadora.

(3) Informações obtidas pela pesquisa no Correio Braziliense(26/04/2003).

E o “flâneur”, gentil anfitrião, convida:

*“ entre
entre por favor
entre blocos
entre quadras
entre,
entre por favor”*

3.2.2-DIÁLOGOS ENTRE OS VERSOS E O TEXTO OFICIAL

Mas a flânerie prossegue e das quadras e entrequadras, o flâneur dirige-se agora à rodoviária:

*“subo aos céus pelas escadas rolantes
da rodoviária de Brasília
o corpo de Cristo aqui não é pão
é pastel de carne
o sangue de Cristo
aqui não é vinho
é caldo de cana
o padroeiro dessa cidade
é dom Bosco ou padim ciço?”*

Apreende-se dos versos do nosso “flâneur”-poeta sua sintonia com os “lugares praticados” da cidade que não se esgotam nos monumentos que a povoam. Fazendo entrecruzarem imaginários, matrizes caras ao cristianismo,

constituem citações através dos quais Behr, encontra ou re-encontra a Rodoviária de Brasília. Pelas mãos do poeta têm-se um passeio por um lugar emblemático da alma cotidiana da capital. De fato, trata-se de um cenário em que a presença maciça de nordestinos, evidencia a história da cidade, a saga dos candangos e a presença de um sem números de cidadãos, cujo cotidiano inscreve o vaivém Brasília- Regiões Administrativas, e faz da Rodoviária um ponto de concentração diária. Ali mesmo, a “jovem tradição” da Pastelaria-Caldo de Cana, espécie de patrimônio imaterial, chamou atenção de Behr que a homenageia.

Nicolas com a consciência que tem da história da cidade, critica a utopia planejada e imprime a sua invenção utópica quando interpreta a ação vivida por tantos sujeitos todos os dias ao cruzarem a rodoviária e ocuparem seus espaços.

Ali, a intervenção diária imprimiu na espacialidade uma recodificação. O espaço de sociabilidade foi produzido pelos personagens que transitam, param, se detêm nas poucas vitrines e nas prateleiras improvisadas dos ambulantes.

O Relatório do Plano-Piloto pensou a rodoviária uma “plataforma liberta do tráfego que não se destine ao estacionamento, remanso onde se concentrou logicamente o centro de diversões da cidade, com os cinemas, os teatros, os restaurantes etc”. (4)

Lúcio Costa ao passar pela rodoviária ficou surpreendido com o que viu: “(...) isto tudo é muito diferente do que eu tinha imaginado para esse centro urbano, como uma coisa requintada, meio cosmopolita. Mas não é. Quem tomou conta dele foram esses brasileiros verdadeiros que construíram a cidade e estão ali legitimamente”(Costa. Op. cit., p.8).

Seria Dom Bosco ou Padim Ciço o autêntico padroeiro da cidade? A poesia de Behr identifica o território da maioria dos pioneiros que encenaram a saga brasiliense. Parceiros da história, os nordestinos se fizeram a maioria por muito tempo. A cidade sinaliza suas marcas. Com eles, Brasília fez-se encontro de muitos, um Patrimônio Compartilhado.

(4) Relatório do Plano Piloto de 1957- pesquisa realizada no Espaço Cultural Lúcio Costa em dezembro de 2005.

*“Nordestinos em forma
de aves migratórias
pousam na beira
do lago paranoá
para um breve descanso*

alguns fazem ninhos e ficam”.

O diálogo com o Relatório prossegue, agora retornando às quadras. “Quanto ao problema residencial, ocorreu a solução de criar uma seqüência contínua de grandes quadras dispostas, em ordem dupla ou singela (...) emolduradas por uma larga cinta densamente arborizada(...) a fim de resguardar melhor, qualquer que seja a posição do observador, o conteúdo das quadras”.

Tais aspectos escapam ao poeta, cujas representações aflorando do “vivido e do concebido” têm como eixo o cotidiano e o afeto.

A intimidade com o desenho da capital lhe permite o ludismo e a ironia, É a ressonância do flâneur-benjaminiano que habita a cidade e é por ela habitado.

*“Cento e nove
ah, sempre nove
109 4ever
ali deveria ter
um ponto de ônibus
a W3 deveria passar
pela 109
falta uma pastelaria
e uma escada rolante
na 109
ah, sempre nove*

*passsei metade
da minha vida
encostado
naqueles carros.”*

*“A superquadra nada mais é
do que a solidão
dividida em blocos.”*

Outras vezes, há um desejo de ruptura em relação à ordem existente:

*“assim nós queremos viver, nós dissemos.
Assim nós queremos que vocês vivam, disse o
arquiteto.”*

A sensibilidade do poeta vai tateando na lógica das superquadras às expressões da experiência urbana, familiar e identitária da cidade.

*“brasília, brasília
onde estás que não respondes?!
em que bloco,
em que superquadra
tu te escondes?”*

*“SQS
ou
SOS
eis a Questão”*

*“Bem, o sr.
já nos mostrou
os blocos, as quadras,
os palácios, os eixos.
os monumentos...”*

*Será que dava pro sr.
nos mostrar a cidade
propriamente dita?”*

A ironia poética de Behr reconhece a grandeza e faz, ao seu modo, suas intervenções no Patrimônio Tombado.

Equipamento Retórico que remonta a Sócrates, a ironia é objeto de estudo de um sem números de pesquisadores. A já citada Ramos(1977), chama a atenção para as alianças ente a ironia e a poesia, destacando que ambas têm sua própria lógica. “Na poesia – imenso oceano que busca compreender o mundo através da economia das palavras- o sentimento e o pensamento estão incorporados, fundidos”(idem, p. 57). Sem pretensões de teorizar sobre o que é ironia; basta reter que ironizar implica um jogo entre palavra e pensamento, um certo dizer, não dizendo, e é bem isto que aflora dos versos plenos de sabedoria e conhecimento.

*“nem tudo que é torto é errado
veja as pernas do garrincha
e as árvores do cerrado.”*

*“os três
poderes
são
um só:
O deles.”*

A poesia enxerga a complexidade, os dilemas, os elementos significantes que compõem a memória do lugar e sinaliza as mutilações reconhecíveis a espera decisiva dos guardiões do seu patrimônio.

*“os fazedores
de desertos
se aproximam
e os cerrados
se despedem
da paisagem
brasileira.*

*Uma casca grossa
envolve meu
coração.”*

*“as mudanças no plano piloto.
as mudanças em mim.”*

O poeta permite-se, inclusive, cunhar nova representação e nomeação para a Virgem: “Nossa Senhora do Cerrado, protetora dos pedestres.”

Um dos estereótipos sobre Brasília incumbe-se de representar uma cidade “com cabeça, tronco e rodas”. O cotidiano dos que “atravessam o eixão às 6 horas da tarde” constitui ainda uma questão brasiliense que o atual controle eletrônico de velocidade não logrou equacionar. Então ao flâneur, identificado com a questão, parece caber rezar:

*“nossa senhora
do cerrado,
protetora
dos pedestres
que atravessam
o eixão
às seis horas
da tarde,
faça com que eu
chegue
sã e salvo
na casa da Noélia.”*

3.3- TT CATALÃO, “UM TECELÃO DAS PALAVRAS”

3.3.1- BREVE PERFIL

TT Catalão é cronista e poeta, ativista cultural, está em Brasília desde 1972. Atualmente faz crônicas sobre a cidade para o DF-TV segunda edição, da TV Globo; trabalha em consultoria sobre políticas públicas de Cultura; é consultor pelo PNUD, para programa de cultura popular no MINC e consultor de cidadania para a Interligis-Senado-Federal. Como escritor, sua mais recente publicação foi o livro de poesia Brasília-Cidade Cidadã, inteiramente bordado pelas irmãs Dumont com desenhos de Demóstenes Dumont(Catalão, 2000).

3.3.2-NARRATIVAS QUE CONSTROEM O TEXTO DA CIDADE

TT Catalão não perde a oportunidade de traduzir “o que a cidade tem de melhor: a mistura”(Catalão, Op. Cit. p.27). É o cronista-“flâneur” em sintonia com o lugar que habita. Em uma de suas falas, chamou de benção que nos tirou a virgindade da raça única: somos a soma (idem).

O destaque que é feito nas crônicas, realça e entrecruzam sistemas de significações criados pelos que habitam a cidade patrimônio. Eles constituem o pretexto para o encaminhamento de alguns dos “sentidos possíveis”.

A narrativa do cronista constrói com seus receptores estes “sentidos possíveis”. São eles que em sua crônica fazem uma intervenção criadora de decodificação de seus símbolos, dando significados.

Recorde-se que no feixe de argumentos adotados incluem-se ressonâncias entre Behr e Catalão. Não se trata apenas de um diálogo no qual o plano de observação é o mesmo. Além do cenário, há sintonias entre o verso e a prosa. Enfim, algumas crônicas de TT são quase poemas e os modernos versos de Behr sobre o cotidiano quase soam como crônicas.

A já várias vezes citada Ramos(1997, p. 57) refere-se aos poetas como “tecelões das palavras”. A leitura das crônicas de Catalão sugere a pertinência de tomar por empréstimo a bela metáfora. Também ele, como se verá a seguir: “ cria novos fios semânticos e recupera tecidos gastos na urdidura das tramas dos significados, daí o seu poder de produzir novas realidades.”(idem)

Com a palavra, o tecelão:

“O impacto do granizo, terça-feira, foi a melhor canção de promessa de vida na cidade. Brasília seca, mas fértil. Sépia, mas sob um verde latente, doidinho para brotar aos primeiros pingos, ao primeiro sinal de esperança.

Chuva em agosto e com tamanha força é rara. Foi um alento na quebra do severo. Foi um intervalo na escassez de sensibilidade por que passa a capital. Serviu para mostrar o quanto já nos tornamos sertanejos: saudamos a chuva

com alegria campesina dos simples. Isso em pleno centro parabólico de esquadrias de aço poder e vaidades afins (...)

(...) A cidade celebra a volta da água presente em todos os ritos- cristãos e não-cristãos- pelo batismo, renascimento e o inconsciente coletivo da grande mãe. Até os cientistas entendem na água o caldo primacial que nos originou. Água irradia. Vibra pela surpresa, na cidade que clama por renascer.”(5)

O brasiliense é interpelado constantemente pelo binômio seca e água. Umidificadores são bons companheiros. O sistema de Defesa Civil do DF dá conselhos à população, os jornais fazem as suas recomendações. A cidade fica em alerta. Acompanhar os altos e baixos da Umidade Relativa do Ar faz parte do seu cotidiano.

Se realmente há dificuldades de relacionamentos na cidade, estereótipo que dá suporte a discursos, este é um tema que abre diálogos, estabelece comunicação entre as pessoas do lugar. A paisagem na seca é linda. O céu fica limpo, sem nuvens. Os ipês florescem roxos, amarelos e brancos. A seca é marca.

O verde latente que brota nos primeiros pingos de água identifica nas entrelinhas a história dos indivíduos que resistiram e ocuparam os espaços da capital, incorporando a alma de quem vive na cidade-monumento.

Como um bom “tecelão das palavras”, Catalão ao aludir ao par seca/chuva, referência da cidade, constrói seu texto entrelaçando fios de discursos de outrem que, por sua vez, resulta também de diálogos, pois, afinal, assim se tecem discursos.

O filósofo Bachelard(1989, p. 136) reflete sobre o elemento água, identificando seu caráter feminino e embalador. Observa-se que nosso narrador alude à água e ao “inconsciente coletivo da grande mãe”.

(5) Correio Braziliense de 31/08/2002.

Seu repertório de cultura incorpora também o universo da linguagem do discurso musicado brasileiro. Refere-se aqui ao fragmento discursivo “a melhor canção de promessa de vida, na cidade”, alusão evidente aos versos da bela canção de Jobim.

Assim como Catalão, outros narradores da cidade contextualizam seu cenário referindo-se também ao par chuva/seca. Mello(1998, p.45) refere-se, justamente ao mês de março, ocasião em que “as fortes chuvas fechavam o verão brasiliense”.

Evidencia-se aqui, o jogo de vozes que dialogam e se entrecruzam, tendo como denominador comum o representacional que aflora do cotidiano da cidade.

Finalmente, cabe retomar nesta flanerie da autora, entre os tantos sentidos possíveis, o fragmento “primeiro sinal de esperança”. Palavra mágica e plena de significações, ela ganha em Brasília especial sublinhamento, não por acaso presente no hino da cidade e referenciada em vários outros espaços discursivos: Brasília, capital da esperança.

E o tecelão prossegue:

“Brasília é suportável. Chato é aturar tanta explicação. Se a cidade fosse uma banalidade qualquer de festinha animada, ruas típicas, folclore barato ou mito de camelô, não despertaria tantas teses. Incomoda por ter um conceito. Pela diferença. É incômoda quando precisa aturá-la enquanto dura a conveniência de extrair dela alguma vantagem. Encanta, se for simplesmente vivida e incorporada. O resto é blefe ou falta de assunto.

(...) A chave de Brasília está na sua provocação nem tanto estética, projeto utópico histórico do Brasil abortado, odisséia e afins paranormais. Brasília exige perda de referência: mantenha suas lembranças, mas salte sem medo no desafio da insegurança que é a novidade de ser outro, mutante. Chega de saudade!

Nós desatamos nós. Faremos a cidade com a cara que tivermos. Decidimos se ali vai ser rua da igrejinha ou SMPVCX-43. Sopramos vida na

narina de barro da criatura genial de JK, Lúcio, Oscar, Israel e o exército de mártires candangos que inseminaram aço, ferro, vidro e concreto com suor. Diremos sim aos crápulas e corruptos locais. Ou não. Impediremos a atual devassa do que ainda resta da utopia. Retomaremos o sonho. Basta de choro pelos cantos e tanta impotência sentimental. A cidade nos quer sêmen. Voz, paixão, equilíbrio ativo. (...) como é duro abandonar velhas cangas para aceitar um convite revolucionário e renascer!”(6)

Viver em uma cidade é sempre um grande desafio, é o lugar que se aprende a conviver com o desconhecido, se perceber diante do outro e assim, ir-se construindo identidades “a partir do que se foi, do que se é e do que se pretende ser.”(San Miguel, 2000, p. 118). A provocação de Brasília é não suportar a uniformidade e estimular o espírito através da diversidade que já nasceu com ela na mistura de regionalidades tão presentes. A capital ainda causa estranheza. Um sentido possível na crônica de Catalão é a evocação à transformação. A possibilidade de sacudir-se com a presença do outro. Enfim, interagir todas as complexidades, compreendendo que as identidades não são fixas ou engessadas.

A tomada de consciência de si abre asas para o salto sem medo “a novidade de ser outro”. Enxergar as várias identidades que nos habitam: “Como é duro abandonar velhas cangas para aceitar um convite revolucionário e renascer.”

Cabe observar também, o tom irônico adotado pelo cronista para se referir a algo já assinalado em outra parte desta monografia. Configuram-se também em diálogo entre um texto acadêmico e o jornalístico.

A estante razoável de estudos, cujo plano de observação é, justamente, a cidade de Brasília é mencionada por TT revertida de ironia: “*Brasília é suportável. Chato é aturar tanta explicação(...) se a cidade fosse uma banalidade qualquer(...) não despertaria tantas teses*”.

(6) Correio Braziliense de 20/04/2002

Na mesma crônica, ícones da cidade, JK, Lúcio Costa, Oscar e Israel são lembrados, assim mesmo, com a intimidade de nomeação que dispensa cerimônias e seguidos pelo “exército de mártires candangos”.

Finalmente, em meio às freqüentes lembranças de “lugares praticados”, como por exemplo, a rua da igreja ou a complicada sigla para os de fora SMPVCX-43, a indignação, o sonho e o convite para “renascer”, pleno de incorporações identitárias: “Nós desatamos nós. Faremos a cidade com a cara que tivermos”.

E TT continua incansável:

“Toda cidade é sagrada em seus loucos mansos. Faltava em Brasília a divisa histórica de ocupação total de seus espaços.

*(...) Lúcio Costa se emocionou quando entrou no Beirute e recebido com palmas. Vibrou quando viu fotos do “Cabeças” que tomava as quadras para ingênuos shows de música. Riu demais ao ver as primeiras saídas do Pacotão na luta para fazer um carnaval de rua, na contramão da W3. Mais o Espaço Cultural 508, na época centro de criatividade, que servia como foco para o ato mais rebelde, e possível, nessa cidade: conviver, criar redes, ocupar o espaço público. Dizer: **a cidade é nossa!***

(...) Nós, os novos candangos do sistema nervoso da cidade. Os primeiros candangos fizeram a maquete de aço e concreto, em sacrifício e trabalho anônimo heróico. Nós, para soprar vida nas narinas de barro da criatura. Outros criadores dão cambalhotas em diversas áreas: tudo em nome de um país plural, mestiço, candango que precisa estar refletido em uma capital-colagem e caldeirão de todas as regiões (...).”(7)

Mais uma vez tem-se claro que Catalão quando passeia por Brasília, leva o leitor aos lugares “praticados da cidade”. Ele não se prende ao cartão-postal tradicional; faz um roteiro do “flâneur”, caminhando tranquilamente, observando detalhes, interpretando a paisagem e a gente viva.

(7) Correio Braziliense de 06/07/02

A intimidade que entra nesses locais, faz de sua narrativa uma emocionante busca de percepções da cidade: O Beirute é o histórico boteco da 109 sul, quadra já cantada por Nicolas Behr. Existe desde 1966. É o bar dos “descolados”, da “esquerda”, dos “jornalistas”, dos “artistas”, receptivo a todos, seja qual for a ideologia, a opção sexual ou a tribo. Já disseram dele que é “mais que um boteco, é um clássico”. Sua história se confunde com a vida boêmia da capital.

TT Catalão lembra as primeiras saídas do “Pacotão”, irreverente e crítico bloco carnavalesco brasileiro, permite que o folião vá à forra e manifeste, cada um a seu modo, a indignação com a classe política brasileira e do Distrito Federal.

Outro lugar percorrido pelo cronista é o Espaço Cultural da 508 sul. A cidade o criou, inventou nele a possibilidade da rebeldia, da ebulição cultural.

Nas suas andanças, o narrador reconstitui em seu percurso os traços da cidade, transforma em matéria as reflexões daquilo que a cidade é, dialogando com ela, recriando-a.

Observe-se na crônica acima, novamente o cotidiano da cidade esquadrinhado no registro de vários lugares nos quais o narrador, a partir de sua própria experiência, se permite afirmar com indisfarçável orgulho: “ a cidade é nossa”. Estudiosa do fenômeno urbano e da encenação cotidiana Matos(2002, p. 35) parece entrecruzar sua reflexão com o texto de TT: “(...) a cidade tanto pode ser registro como agente histórico. Nesse sentido, destaca-se a noção de territorialidade identificando o espaço enquanto experiência individual e coletiva, onde a rua, a praça, a praia, o bairro, os percursos estão plenos de lembranças, experiências e memórias. Lugares que, além de sua existência material, são codificados num sistema de representação que deve ser focalizado pelo pesquisador(...)”. Ora, outro não é o propósito deste estudo, cujas representações da cidade, valem insistir, são enfocadas pelas lentes de dois “flâneurs”.

Estudioso do fenômeno urbano, Catalão continua:

“Templo é dinheiro na capital. Cidade das forças ocultas. Só o fujão Jânio Quadros admitiu. Pensou renunciar para voltar, ditador, ao poder e o perdeu. Prova que a cidade cria armadilhas (fantasmas?) para quem não a mereça. Isto inclui corruptos, autoritários e intrusos em geral. Gente que se acha capaz de sujar um solo sagrado e sair ilesa.

Sabe-se lá como surgiram tantas seitas e facções pseudo-espiritualista em Brasília. Poucas sérias. Muitas manipuladoras de boa fé (principalmente as políticas). No início, JK e Israel Pinheiro acionavam o místico carisma, pelo trabalho. Não se sabe do uso de aparições miraculosas em canteiros de obras sem a materialíssima presença de um jeep. Um povo se fazia enquanto construía.

Tia Neiva, a clarividente, contou um pouco da sua história pioneira antes do Vale do Amanhecer. Fascinante, meiga e dona de um aguçado discurso, falou do seu trabalho na construção da cidade (motorista de caminhão): “carreguei as pedras do Congresso”, gabava-se cigana cibernética ligada a tudo e em todos.

Doutrinava seu Simca Chambord (que teimava morrer a cada 5 km numa péssima estrada de Unaí-MG), cantava maravilhosas guarânias e tragava seu inseparável cigarro – mesmo com um terço, de um só pulmão – e mostrava-se milagrosamente saudável em vitalidade.

“No caminhão comecei a ter os primeiros contatos com a mediunidade. Dava carona aos espíritos. Como não estava preparada, não entendia as aparições. Pensei: ‘tô maluca’. Fui ao médico. Na poeira do acampamento, todo médico era pra tudo. Explico a coisa dos seres, e o doutor começa um diagnóstico assim-assim, desconfiado, pronto para me internar. Aí começo a perceber um vulto atrás dele e entro em comunicação. Ele percebe meu ar distraído e quer saber por que. Respondo que estava ‘falando’ com um ser que dizia ser o pai dele e desfilei uma série de fatos sobre a intimidade do médico e sua família. Quando percebi, o médico estava aos prantos: o pai dele morrera na semana anterior. Ele me interrompe: ‘De louca você não tem nada. Faça o que

tem de fazer nessa cidade que só está sendo construída por ser mágica'. Aquilo marcou.”(8)

Brasília é conhecida como cidade mística, o brasiliense parece gostar de ser alternativo. O cidadão brasiliense é voraz por novidade. Se aproxima de inúmeras religiões, cultos, seitas ou grupos de reflexão e transcendência.

Os mistérios que envolvem a região são muitos: sonhos, cristais no subsolo; preferência dos deuses. Já se disse que a maior proximidade com o céu, altitude média de 1100m, proporciona um estado zen.

O flâneur-cronista vê com bons olhos este alimento a mais, a fim de colocar o contraponto a tudo que Brasília convive de mais pesado. Oxalá os deuses cuidem dos destinos dos cidadãos dessa cidade, ávidos de encontrar o caminho do nirvana.

Na crônica acima, Catalão, ao modo de um historiador, conta resumidamente a saga do Vale do Amanhecer e brinda o leitor com a biografia de Tia Neiva. Também neste caso, de seu lugar de fala, alude a um tema que não escapou ao universo acadêmico. Refere-se aqui, por exemplo, à tese de Reis (2002), na qual o autor, na esteira da História Cultural tematiza o Vale do Amanhecer. Observa-se, finalmente, a ênfase dada à magia da capital.

No exercício de olhar, o andarilho segue:

“Brasília tem salvação! Para desmentir nossa carga democrática – tédio com um T bem grande – eis que, só agora, autoridades (algumas sub judice) descobrem lojas ilegais na Rodoviária. Em nossa muvuca pioneira. Aquele ponto X da encruzilhada entre os Exus Monumentais. A Rodoviária escoo gente que rala e alivia saudosos de gente com cara de rua. O cartão-postal das linhas futurísticas desembarca nessa praça dos Três Mil Poderes: quiosques, pedintes, panfletos, comício, sujeira, agito, sons e cheiros inconfundíveis da nossa mestiçagem vital.

(8) Correio Braziliense de 12/02/2003

Entre muitos, o culto ao pastel com caldo-de-cana. Nos anos 70, era infalível bater ponto nas madrugadas insones de artistas e retardatários (sem ônibus) sob aquele travesseiro incandescente de queijo fedido, mas de sabor transcendental. Mistério de parceria perfeita: o pastel frito em óleo vencido (vinha do diesel local) associado ao néctar da garapa de cana, sublime soro de glicose para levantar a alma. Nada substitui um pastel transeunte daqueles. Nada. Se tentarem queijo-minas melhor, adocica o gosto. Se mexer no tempero, tira o ardido venenoso. Se melhorar a fritura ou sofisticar o tempo de descanso da massa, trai-se a terrível inconsistência sebenta e crocante, maravilhosa, que só o pastel ralé é capaz.

Agora, querem fechar a pastelaria que já deveria estar tombada pelo glorioso Iphan (hoje, mais lúcido no faro apaixonado de Maria Elisa). Aliás, o pai dela, aquele senhor genial que traçou o sinal da cruz no cerrado, disse: “Brasília é um milagre” (Lucio Costa, 1974). E citou a Rodoviária: “À noitinha... (ela) traço de união, é a casa deles, eles tomaram conta daquilo, e fiquei orgulhoso disso, vi as raízes brasileiras de Brasília” ; Lucio ao JB, 1984. No ar – além das tradicionais cavalgadas de carreira que odeiam a até hoje tentam destruir a cidade – também bailam o pastel tribal e a poluição sonora da prensa de caldo.

Pela proximidade ao teatro, alguns intelectuais tentaram alterar a textura, padrão morfológico, sabor, odor, grau de nocividade calórica do pastel popular. Foi um fracasso. O desastre virou o insosso fast-food de shopping, e o chamamos “pasteur” – referência ao cientista francês, Louis. Durou pouco. Voltamos ao nosso exemplar carregado de microorganismos estranhos, próprio do caldo de cultura que faz dessa cidade um caldeirão de colagens para todos os gestos e gostos. Até para quem odeia. Acabar com a Pastelaria Viçosa é a pior das grilagens: matam nossa alma. Pasteurizar Brasília é mais um crime deste governo”.(9)

(9) Correio Braziliense de 11/02/02

Em diálogo com o Relatório do Plano Piloto e com Behr, a Rodoviária de Catalão o alimenta com aquilo que atinge o seu olhar: um ambiente de vivências das contradições, dos sons variados; amostragem perfeita da mistura brasileira.

São três mil poderes, diz o “flâneur”, detentor das significações urbanas.

Na exaltação ao sabor e odor deste patrimônio que é o fast-food mais popular de Brasília: pastel com caldo de cana da Rodoviária, Catalão expõe a dimensão sonhada de recriar uma cidade fraterna e socialista, em que as diferenças seriam eliminadas ao se erguer moradias iguais.

Na “cidade das forças ocultas”, a ironia do narrador evoca Exu, o mensageiro dos orixás, que em sua função mística de parte mais ativa, entrecruza todos os saberes da cidade viva: a própria Rodoviária.

Chama a atenção nesta crônica, intencionalmente reproduzida por inteiro, as marcas da ironia que atravessam o texto como um todo, ela está presente na irreverência: “Tédio com um T bem grande”, nos trocadilhos pitorescos: “Exus Monumentais” ou na crítica aos exageros e exigências que, no limite, podem fazer com que o tradicional pastel da Rodoviária acabe virando um “Pasteur”. Mais uma vez aqui, o olhar do “flâneur” direciona-se para um lugar praticado da cidade e nele reconhece um autêntico cartão-postal, diferentes dos convencionais.

Como se viu, em páginas anteriores e, conforme vem se enfatizando, o diálogo com Behr prossegue.

Onde mora o “flâneur”? Está certo que ele “mora na rua”, é ela que o conduz e alimenta sua alma. Percorrer os espaços da cidade, quer dizer também, mostrar a sua miséria, o outro lado do cartão-postal, matéria de sua narrativa que reconstitui os traços daquilo que a cidade é:

“Terça-feira, 16 horas, Praça do Compromisso – aquela batizada na morte do índio Galdino com esculturas de Siron. Dois xavantes (o adereço de madeira na orelha denuncia) dividem um coco, dois canudos e a mesma água.

Aparentam 50 anos, cada. Interrompem o papo com a minha intrusa aproximação. Um logo me alerta do corte:

-- Se pede fotografia, quero um dinheirinho.

-- Qualquer coisa, já dá! Reforça o outro.

Percebo a tática de afastamento dos chatos étnicos. Ser índio, estar sentado em praça com trágico peso, parece atrair inconvenientes de ares cívicos. Levemente irritado, por ter sido pego no flagra do turista aprendiz, devolvo, meio jesuíta branco, inoportuno, o pedido da grana.

-- E para conversar um pouco, tem que pagar também?

Não respondem em piedade ao meu tom quase agressivo, mas amistoso. Gelo quebrado, melhor sentar. Dois tipos de civilização, ali, no mesmo banco é privilégio da mistura brasileira, onde poucas são as praças assumidas como tais. “Praça” pode estar no traçado urbano, mas até atrair vagabundos éticos como eu, babás, cachorro sonolento, namoricos, pipoqueiro, banquinha de doce e gente, em Brasília, são poucas. Um xavante é “Pedro”, o outro é “João”. Dão nomes de branco como rótulo qualquer. Poderiam ser Stalin, Roosevelt, Mohammed, Sarney, Robespierre, Manoel ou Joaquim. O nome da alma não se certifica em cartório. Continuo o papo furado, solidário, para eliminar a carga invasora e aos poucos ficam mais seguros de estarem ao lado de apenas mais um a fim de compartilhar sombra, coco e lero-lero.

Com os xavantes descubro a intenção da escultura do Siron – a gente só vê de verdade quando pára pra enxergar. A escultura vazada é para preenchermos o corpo do índio com o céu, nuvens, árvore e gente do outro lado. O corpo de Galdino, antes desfigurado pelo fogo, agora pode ser recomposto, ao menos, no olhar. Pedro e João cantam, falam de shopping, confirmam aquelas coisas que a gente quer que índio confirme contra “a loucura dos brancos”, cumprem o ritual manjado de expectativas e espectador na filosofia de bolso quando branco puxa conversa. Pedro fala da fome:

--Vocês fazem confusão de fome e vontade de comer. A gente pode comer aos pouquinhos quando dá vontade. Mas na fome na fome de faltar tudo, sem nada mesmo, a gente fica virado pra dentro”.(10)

Catalão reconstrói a memória, resiste ao esquecimento, cata os trapos do lugar na escultura de Siron, que convive, como outros, com a violência urbana..

A crônica acima expõe a intenção das Praças: o encontro, a mistura, já privilégio do cotidiano brasileiro. As praças da capital modernista estão, em sua maioria, abandonadas. A “do Compromisso”, segundo o andarilho, assumiu o seu de encontro e divagação; uma certa suspensão do cotidiano, convite a conhecê-la e ficar.

O cotidiano é retomado em cromos e o “tecelão das palavras” se inclui entre aqueles que animam a praça.

Enxerga detalhes e filosofa: *“a gente só vê de verdade, quando pára pra enxergar.”* Bela lição de alteridade e exemplo de prática cidadã.

Bem, é preciso encerrar por aqui o passeio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecendo as não poucas lacunas, mesmo assim, a expectativa é a de que, com a leitura deste exercício acadêmico, interpele os possíveis leitores no sentido de concordar com os argumentos aqui desenvolvidos.

A partir de uma coleção de textos poéticos e jornalísticos, a monografia objetivou rastrear textos de autoria de Nicolas Behr e TT Catalão de modo a perceber em ambos, sintonias quanto às representações construídas sobre a cidade de Brasília.

A imagem da *flaneurie* ensejou a visita a vários “lugares praticados” da capital da República, cuja visibilidade como espaço de destinação turística, não raro se esgota na monumentalidade da cidade planejada.

Tem-se, porém, como pressuposto que a cidade é isto e muito mais. A partir daí, o feixe de argumentos voltados para uma convicção de que, o repertório dos autores trabalhados desenha representações da cidade, que evidenciam pertencimento e afeto que permitem pensar em vetores identitários. Entendeu-se, a demais, que esta celebração da cidade, bem poderia ser uma espécie de cartão de visita para os que chegam e uma chamada para os que aqui habitam. Por outra parte, cogitou-se de inscrever os repertórios de Behr e Catalão nos contornos de patrimônio imaterial.

Estudiosos do turismo como Wainberg(2001, p. 16) entrecruzam algumas das categorias referidas neste estudo como, por exemplo, os claros nexos entre turismo e identidade. É este autor quem alude à cidade como “uma obra de arte viva e seus atores móveis são os seus habitantes. Há cores e odores. Hábitos e costumes. História e memória. No campo estranho, todo detalhe é relevante na composição do todo”(idem, p. 13) .

Em outras palavras e em outros espaços discursivos, tais constatações aparecem nos textos dos “flâneurs”. Bem por isso, alertam: “Senhores turistas eu gostaria de frisar...”(Behr) ao que, como que retomando o diálogo e argumentando, TT Catalão pondera: “A gente só ver de verdade quando pára pra enxergar”.

Em diálogo imaginário, a autora teve a intenção de assumir com os narradores o compromisso de, de algum modo, assumir o alerta utilizando para tanto o espaço deste exercício acadêmico, no qual buscou-se dar visibilidade a uma Brasília nem sempre lembrada nos registros dos textos de divulgação publicitária.

“Irene é a cidade que se vê na extremidade do planalto(...) Irene é o nome de uma cidade distante que muda à medida que se aproxima dela”(Calvino. Op. Cit., p. 114-115)

Levando-se em conta as representações construídas pelos narradores aqui trabalhados, é possível pensar neste patrimônio, no qual o talento e a identificação dos “flâneurs” estariam disponibilizados para estimular a necessária aproximação desta cidade do planalto.

BIBLIOGRAFIA

- AVELAR, Lúcia. O Papel do Estado Democrático na Proteção dos Lugares de Memória. In: Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal(org.).A Construção da Cidade. Brasília, 1998.
- BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1989.
- BEHR, Nicolas. Dezesesseis Po(rr)etas. Brasília, 1979.
- _____, Nicolas. Poesília-pau-brasília. Brasília: Ed. LGE, 2002
- _____, Nicolas. Vinte Po(rr)etas: A poesia unida. Brasília.
- _____, Nicolas, Braxilia Revisitada. Brasília: LGE, 2004
- BERTRAN, Paulo. In: BEHR, Nicolas. Poesília-pau-brasília. Brasília: LGE, 2002.
- CALVINO, Ítalo. As Cidades Invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COSTA, Lúcio. Brasília, cidade que inventei. Brasília: ArPDF, CODEPLAN, DePHA, 1991.
- CATALÃO, TT. Brasília, Cidade Cidadã. Brasília.
- _____, TT.Crônica da Cidade. *Correio Braziliense*. Brasília,31/08/02
- _____, TT.Crônica da Cidade. *Correio Braziliense*. Brasília,20/04/02
- _____, TT.Crônica da Cidade. *Correio Braziliense*. Brasília,06/07/02
- _____, TT.Crônica da Cidade. *Correio Braziliense*. Brasília,12/02/03
- _____, TT.Crônica da Cidade. *Correio Braziliense*. Brasília,11/02/02
- _____, TT. Crônica da Cidade. *Correio Braziliense*. Brasília,05/02/03

- CERTEAU, Michael. A Invenção do Cotidiano. São Paulo: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. A História Cultural – entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1988.
- CONCEIÇÃO, Sílvia José. Cidades Italianas ou a comple(c)ividade em Ítalo Calvino, “obtidos via internet”:www.vitruvius.com.br/arquitextos, 22/06/2005.

- COSTA, Cláudia da Silva. “Aquarela Brasiliense”: Paisagens Sonoras de uma Cidade e Polifonia (1960-2000). Tese de Doutorado do Departamento de História, Universidade de Brasília, 2000.
- DOMINGOS, M. José. “Muitos Porteiros e Pessoas Normais – O Rock Brasiliense na Década de 80.”. Projeto aprovado no P.P.G. – His. – 1º /2004.
- FREITAS, Conceição. Crônicas da Cidade. Brasília. *Correio Braziliense*, 05/02/03.
- HALL, Stuart. Identidades Culturais na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Ed, 1997.
- KAQ, Francisco. As Cidades de Nicolas. In: UnB Revista. Universidade de Brasília, nº 5, 2002.
- LONDRES, Cecília. Revista Tempo Brasileiro nº 147- “Patrimônio Imaterial- Para Além da Pedra e Cal”. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro Ed.,2001.
- MACHADO, Maria Salete Kern. O Estrangeiro na Cidade. In: BOTELHO E MACHADO(orgs). O Imaginário e História. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. Cotidiano e Cultura – História, Cidade e Trabalho, São Paulo: EDUSC, 2002.
- MELLO, Thereza Negrão. “Se esta quadra fosse minha”. In: MEDINA, Cremilda (org.). Narrativas a Céu Aberto- modos de ver e viver Brasília. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1998.
- _____, Thereza Negrão. “O Espetáculo dos Moradores do Símbolo” – A mobilização por diretas já da perspectiva de Brasília. ECA /USP. Tese de Doutorado. Mimeo, SP, 1987.
- MOESCH, M. M. A Produção do Saber Turístico. Campinas. 2000. In: SIQUEIRA, Deis. Tempo de Trabalho – Tempo Livre. Ócio e Lazer. Brasília, 2004.
- RAMOS, Graça. A Ironia à Brasília, São Paulo:Editora Paulicéia, 1997.

- REIS, Marcelo. “O Vale do Amanhecer” (História Cultural). Mestrado - Mime o- P.P.G. His. – Brasília, 2002.
- RESENDE, Fernando. Transcendências: Quarto Ato. In: MEDINA, Cremilda(org.). Narrativas a Céu Aberto- modos de ver e viver Brasília. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- RODRIGUES, Marly. Patrimônio, idéia que nem sempre é praticada. In: Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal (org.). A Construção da Cidade. Brasília, 1998.
- SANTOS, Tiago Borges do. O Drible da Poesia: A Poesia Contracultural (1968 – 1981). Monografia do Departamento de História da Universidade de Brasília – 2º - 2004.
- San Miguel, Pedro L. Visiones Históricas del Caribe: Entre la mirada imperial y las resistências de los subalternos. In: ZAVALA, CABRERA E ALMEIDA (orgs.). Cenários Caribenhos- Revista Brasileira do Caribe, vol I, nº 2. Brasília: Paralelo 15, 2003.
- SEABRA, Odette Carvalho de Lima. “A Insurreição do Uso”. In: MARTINS, José de Souza (org.). Henri Lefebvre e o Retorno à Dialética. São Paulo, 1996.
- WAINBERG, Jacques. “Cidade como Sítios de Excitação Turística”. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.). Turismo Urbano. São Paulo: Contexto, 2001.
- YÁZIGI, Eduardo. A Alma do Lugar – Turismo, Planejamento e Cotidiano. São Paulo, Contexto, 2001.

